



N.º 179—Lisboa, 1 de Fevereiro

8.º  
ANNO  
1907



# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAE L BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÊIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 32 num. 22000 rs.      Brazil, anno 32 numeros ..... 35000 rs.  
Semestre, 26 numeros ..... 12000 rs.      Africa e India Portuguesa, anno. 22000 rs.  
Cobrança pelo correio ..... 5100 rs.      Estrangeiro, anno, 32 numeros ... 35000 rs.

*Nota:* — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Junho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão  
**“A EDITORA,”**  
L. do Conde Barão, 50

## Ordem do dia

E. B.

Kean.

A tunica de Nessus.



Fundada

EM

1732

**Antiga Casa Bertrand**

LIVRARIA-EDITORIA

Fundada

EM

1732

**Almanach Bertrand**

PARA 1907

Coordenado por **FERNANDES COSTA**

8.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

360 paginas, 512 gravuras e eapa a 8 côres e oiro

A maior recommendação d'este **Almanach** está na protecção crescente que desde o seu 1.º anno o publico lhe tem concedido. Cumprindo sem desfallecimentos o seu programma e apresentando, de anno para anno, attractivos maiores, o **Almanach Bertrand** é, entre todas as publicações portuguezas do genero, aquella que tem attingido mais elevada tiragem, sendo de

**12:000 EXEMPLARES**

a do presente volume, por achar-se ha muito exgotada a de 10:000 do anno anterior.

E apesar do seu grande desenvolvimento, da abundancia quasi inexgotavel do seu texto, da prodigalidade das suas illustrações, da nitidez da sua impressão, dos aperfeiçoamentos incessantes n'elle introduzidos, o **Almanach Bertrand** continúa a ser, não só no seu genero, mas ainda mesmo absolutamente considerado.

**A publicação mais barata  
que se tem feito em Portugal**

Brochado, 500 réis; cartonado, 600 réis; em marroquim, 1\$000 réis; pelo correio mais 60 réis

**Obras completas de ALEXANDRE HERCULANO**

- Poesia: — 1 vol. 600 réis.  
 Romances: — **Eurico o Presbytero** —  
 1 vol. 600 réis.  
**O Monge de Cistér** —  
 2 vol. 1\$200 réis.  
**O Bobo** — 1 vol. 600 réis.  
**Lendas e Narrativas** —  
 2 vol. 1\$200 réis.  
 Historia: — **Historia de Portugal** —  
 4 vol. 5\$000 réis.  
**Historia da origem e  
 estabelecimento da  
 Inquisição em Por-  
 tugal** — 3 vol. 1\$800.  
 Opusculos: — Vol. I — **Questões publi-  
 cas.**

- Opusculos: — Vol. II — **Questões publi-  
 cas.**  
 Vol. III — **Controversias  
 e estudos historicos.**  
 Vol. IV — **Questões publi-  
 cas.**  
 Vol. V — **Controversias e  
 estudos historicos.**  
 Vol. VI — **Controversias e  
 estudos historicos.**  
 Vol. VII — **Questões pu-  
 blicas.**  
 Vol. VIII — **Questões pu-  
 blicas.**

A 600 réis o volume

- Estudos sobre o casamento civil**  
 — 2.ª edição — 1 vol. 600 réis.

**A Nova Collecção Popular**, já hoje conhecida em todo o paiz, é uma bibliotheca de romances illustrados, que offerece ao publico edições de luxo e de arte pelo preço das edições baratas. Publica todas as semanas 1 caderneta de 3 folhas de grande formato, com 3 magnificas gravuras, pelo preço inverosimil de 60 réis por semana, ou 2 folhas com 2 gravuras com 16 paginas de texto, por 40 réis. Em tomos mensaes de 15 folhas com 15 gravuras, brochados 300 réis. Acha-se aberta **Assignatura Permanente** para os **Romances** abaixo designados, cada um d'elles illustrado com mais de 200 gravuras. Intitulam-se:

- A Toutinegra do Moinho**, por Emilio Richebourg.  
**A Irmãzinha dos Pobres**, por Emilio Richebourg.  
**Mãe e Rival**, por Emilio Richebourg.  
**A Mulher do Realejo**, por Xavier de Montépin.  
**O Regimento 145**, por Julio Mary.

- A Filha do Condemnado**, por Adolpho d'Ennery.  
**Os Dois Garotos**, por Pierre Decourcelle.  
**Os Amores de Margarida de Borgonha**, por Henri Demesse.  
**Em publicação:**  
**Herança Inesperada**, por Emilio Richebourg.

Fundada

EM

1732

73 e 75, Rua Garrett — 25 a 37, Rua Anchieta

LISBOA

Fundada

EM

1732

ANTIGA CASA BERTRAND

ANTIGA CASA BERTRAND



# PARODIA

N.º 179 — LISBOA, 1 DE FEVEREIRO

8.º ANO 1907

FUNDADOR  
RATHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sábados  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.	Brazil, anno 52 numeros . . . . . 50000 rs.
Semestre, 26 numeros. . . . . 15000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno . 25000 rs.
Cobrança pelo correio. . . . . 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros . . 35000 rs.

*Nota:* — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer dita; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão  
**“A EDITORA,”**  
L. do Conde Barão, 50

## A Grippe da Parodia



— MUITO CHEIO DE NÃO PRESTA ...



— ABRI UM OLHO ...



— AGARREI NOS OCULOS... E...



— MELHORSINHO ! MUITO OBRIGADO...

Historia a 4 côres

# Carta aos leitores sobre as delicias de adoecer

LEITOR! LEITORES!

Meu Deus! Como é bom estar doente!

A semana passada estivemos doentes e da nossa doença guardamos uma tão grata recordação, que o facto de termos melhorado, que o facto de estarmos bons é para nós quasi uma decepção.

O melhor da doença é a doença. A convalescença já é um estado menos agradável. O restabelecimento, esse, então, é pungente. E' como o despertar de um bello sonho.

Nós não inspiramos interesse algum quando gosamos saúde. Em compensação como nos tornamos interessantes quando adoecemos!

Para estar doente, basta muitas vezes que nos declaremos — doentes. Logo nos sentimos cercados de uma solidariedade que completamente desconhecemos quando gosamos saúde. Recolhemos ao leito, e o simples facto de estarmos n'essa posição horizontal em vez de estarmos na posição vertical que é a da saúde, faz cahir sobre nós todas as benções da *sympathia*, e que coisa mais grata existe na vida do que inspirar *sympathia*?

Para estar, porem, convenientemente doente, requerem-se algumas indispensaveis formalidades. A formalidade essencial é o medico.

Quantas vezes não reconhecemos poder prescindir do medico? Mas prescindir do medico é prescindir da doença e quem adoce, adoce a serio, ou então não adoce. Chama-se então o medico. O medico tranquilliza o doente e espalha o panico entre as pessoas que se interessam por este, e o prazer de estar doente é feito em parte do alvoroço que a nossa doença causa entre aquelles que por ella podem ser alvoroçados.

A doença não vale muitas vezes um caracol. Quem lhe dá importancia? — O medico.

Mas ha medicos e medicos. Assim ha, por exemplo, agora, medicos que não receitam, porque a arte de curar está passando por grandes transformações e uma d'ellas consiste em curar sem remedios.

O medico que não receita estraga completamente o prazer da doença, porque, para estar doente a valer, é preciso tomar remedios e o nosso semelhante só nos acredita doente quan-

do nos vê mandar á pharmacia e povoar a nossa banca de cabeceira de inumeras garrafas e caixinhas com rotulos de côres. Toda a alcova de doente onde não se exhibe este apparatus terapeutico não pode ser tomada a serio, e isto vexa o doente.

Cumprida esta formalidade, urge que o doente, que o quer ser, se conserve no leito. D'outra forma, adeus doença! O doente vae ser visitado pelos seus amigos. E' mister que estes o encontrem deitado. D'outra forma não ligam importancia á doença, e não ha nada que mais affecte um doente do que declararem lhe que elle não está — doente. Um doente que está a pé não inspira interesse. Se elle está a pé é porque a sua doença não tem gravidade e uma doença que não tem gravidade é quasi um successo ridiculo. A doença só é *sympathica* quando se presume que pode ter posto em perigo a vida do doente. Sem esse perigo, não ha doenças que mereçam *sympathia* e não vale verdadeiramente a pena adoecer. O doente tem um grande prestigio. Esse prestigio é feito do risco possivel de morrer. Pôrmonos a pé é declarar que esse risco não existe. E' annullar a doença e despojarmo-nos de todo o prestigio.

No leito cobre-nos uma aureola — a aureola do soffrimento, a aureola do martyrio, e ha nada menos banal nos nossos tempos sem fulgor do que trazer sobre a fronte uma aureola?

O doente torna se objecto de attentões e cuidados que completamente lhe faltam quando não está doente. Quem se preocupa com a sua saúde? Agora, todos parecem immensamente preocupados com ella. A nossa existencia parecia estar ligada á de muito pouca gente. Agora, parece indispensavel a meio mundo, porque não ha bocca a mais indifferente, que não lhe pergunte — Está melhor? e sentir nos ouvidos este susurro affectuoso faz-nos felizes.

Muitas vezes encontramos difficilmente quem nos sirva. Basta, porém, que nos declaremos doentes, chame-mos o medico, tomemos o remedio, e immediatamente todos se apressarão sollicitamente a prestar-nos serviços. Mobilisar o genero humano, que prazer! Mobilisal-o por meio do despotismo da piedade que delicia! O doente gosa. Do leito, estendido, prostrado,

espreita com os olhos semi-cerrados esse reboiço affectuoso e enterra-se em almofadas mais macias do que as nuvens da bemaventurança.

Estar doente e não morrer é um estado de beatitude.

Mas a doença declina e o seu declinar é o lento despertar de um bello sonho. O interesse que o doente despertava vae pouco a pouco diminuindo. As vozes que lhe fallavam com doçura já são menos meigas. Por vezes mesmo parecer lhe hão duras. O medico começa a faltar e quando o medico falta, o doente começa a não ter razão de ser. Volta-lhe o appetite e o doente que come perde todo o fulgor. O seu primeiro bife humilha-o. Sente-se perdido, quer dizer, sente-se bom. Já nada explica que permaneça na cama. E' forçoso que se levante. Levanta-se.

Emquanto lhe recommendam que fique em casa, ainda reúne alguns suffragios affectuosos. Ainda, ao sentar-se n'uma cadeira, encontra quem lhe chegue uma almofada e quem lhe embrulhe as pernas n'um *couvre-pieds*. E' a convalescença e a convalescença tem seus encantos. São porém, fugazes. Breve, o doente deve renunciar a estar doente e declarar-se são. O definitivo regresso á saúde é a perda de todos os privilegios de que gosou durante a doença — é o regresso á vida inhospita, sem solidariedade, sem piedade, sem bondade, sem pieguice, sem mimo.

Adeus, longos dias de calor e de mandria na tepidez dos lençoes! Adeus, servos sollicitos! Adeus, pontuaes amigos! Adeus, mãos caridosas! Adeus, labios d'onde escorriam palavras mais doces que o mel! Adeus, seguro medico! Adeus, a colherinha de xarope, a pilula, a hostia, o golo d'agua chaldada para refrescar a bocca e o guardanapinho para seccar os dedos! Adeus!

Leitor! Leitores!

Adoecei. Adoecei ao menos uma vez cada anno. Uma doença, com a condição de não ser grave, faz-nos entrever paraizos de ternura, a que é perfectamente justo prestar a homenagem de 37 grãos de febre e de algumas hostias de sulfato de quinino.

JOÃO RIMANSO

## Cahiu-lhe na fraqueza. . .



— Em São Carlos, ha dias, ó suprema Ventura! de quem nasce duro e feio, Ouvi um coração entre o dilema Do amor ou do poder — no mesmo anceo

Milagre d'Aphrodite! A mente estreita Que repulsou caricias e ternuras, — Não fosse a vil cubiça, d'uma feita, Quebrar-lhe todo o fito das alturas —

Tomou, subitamente, um fogo vivo Que a todos pareceu sonho d'Hespanha; Pois nunca ardera assim, por tai motivo, Nas lusas terras, nem por terra extranha.

Argenteas formas o toldaram — vêde! A falta d'uso conturbou-o, logo, Chaga amorosa o encheu de séde, Cahiu de cama; fez o leito em fogo!

Um forte amôr, cahiu-lhe na fraqueza De que Venus se ri; fatal desuso! Adeus! profundo apêgo ao que é grandeza! Cupido entrou naquelle peito luso.

E para castigar sua cubiça, Seu geito de agarrado, de sovina, Em vez de chamma de oiro, Amôr atíça Somente numa affeição toda argentina.



## Opiniões de noivas

A um sabio italiano (isto de sabios são sempre mais ou menos maduros!) deu-lhe a vineta para perguntar a 95 compatriotas suas, que estavam para casar, porque é que . . . casavam.



A este perguntinha scientifica responderam as excellentissimas fufias por esta forma animadora para o bicho homem até mais não poder ser:

5 responderam para podermos sahir sós.

10 — para irmos aos bailes e theatros.

7 — para viajarmos.

61 — para ter a nossa casa e podermos fazer o que quizermos.

3 — para sabermos o que é casar.

5 — para acautelarmos o futuro.

5 para nos divertirmos.



Como se vê nenhuma das cavalheiras declarou que casava por ter amor ao homem. Muito pelo contrario, cinco responderam que davam o sagrado nó do matrimonio para poderem sahir sós.

Sim senhores, a felicidade conjugal, em Italia, deve ser uma verdadeira belleza de hortaliça!



Já fica prevenido qualquer pedaço d'asno que esteja embeichado por alguma italiana.

E' tratar de lhe passar o pé e não se sujeitar a aventuras com outras sejam de que nacionalidade forem.

Pode ser que isto seja andaço que ande e que a molestia tenha pegado em outras nações.

Os trabalhos não se levantam só debaixo dos pés; muitas vezes erguem-se na outra extremidade.

Já o dizia Salomão antes de calir u templo.

## Liberdade e Marmeleiro

Dois dias depois de terem approvado a famosa lei que a todos nós, homens de penna aporada, nos garrota, os dignos paes da patria apresaram-se a approvar uma proposta no sentido de o governo fornecer o bronze necessario para um monumento que a cidade de Vizeu vae erigir á memoria de D. Antonio Alves Martins, que foi bispo d'aquella diocese e estadista eminentemente liberal.



Quiseram assim os paes da patria prestar o seu culto á Liberdade, prestando simultaneamente homenagem á memoria do homem illustre que foi o bispo de Vizeu.

Achamos tudo muito bem, comquanto não comprehendamos como acordaram estes sentimentos liberaes nos paes da patria 48 horas depois de terem consummado o mais revoltante attentado contra a liberdade do pensamento que tem sido dado apreciar a gente culta.

Ora não seria muito melhor, e mais logico, deixar em paz a memoria do venerando bispo, que passou á historia com a sua risonha legenda de Liberdade e Marmeleiro?

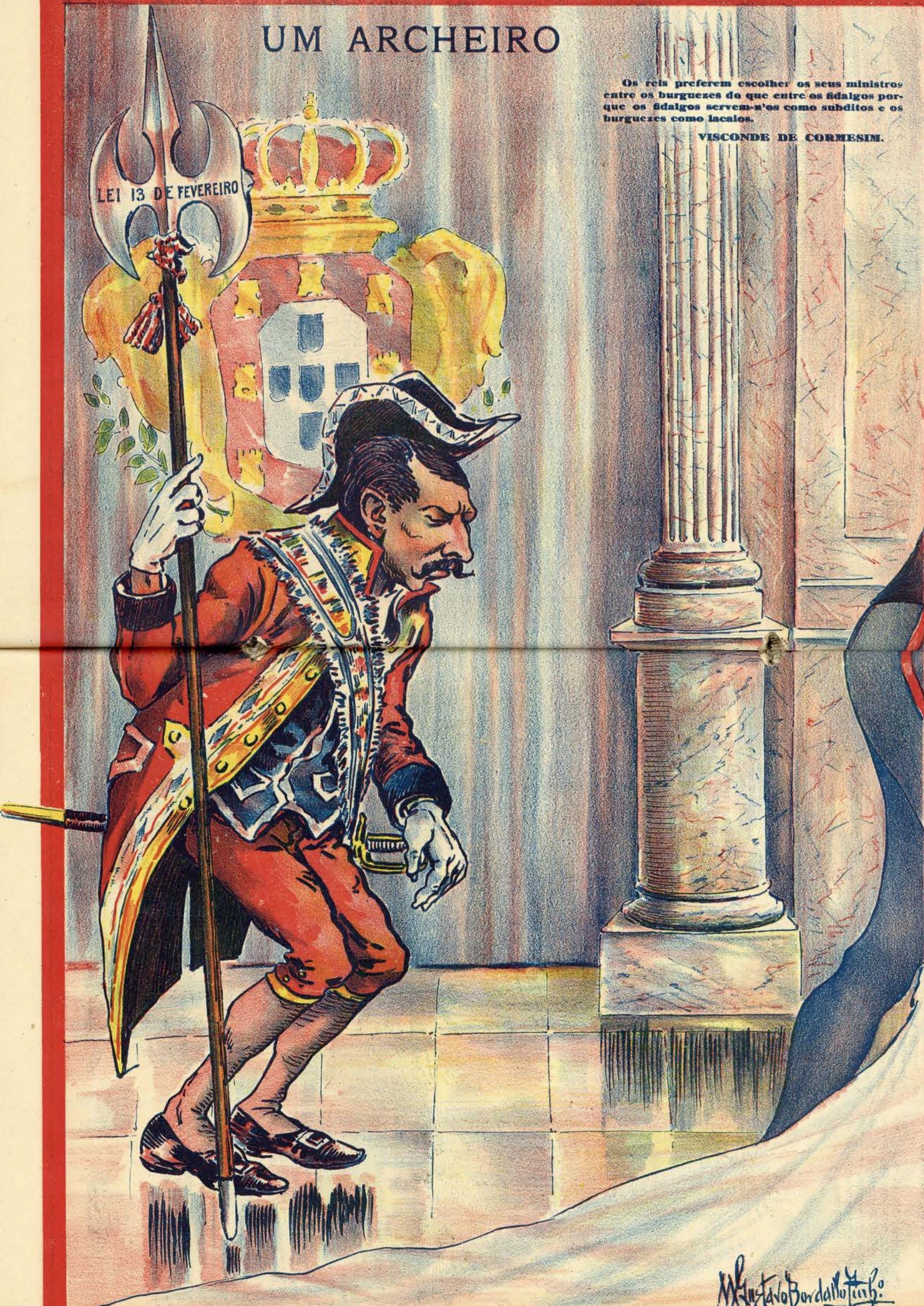


Palavrinha, palavrinha, que estes arrombos de agora pela liberdade fazem, sem mesmo a gente querer, pensar no Marmeleiro. . .

# UM ARCHEIRO

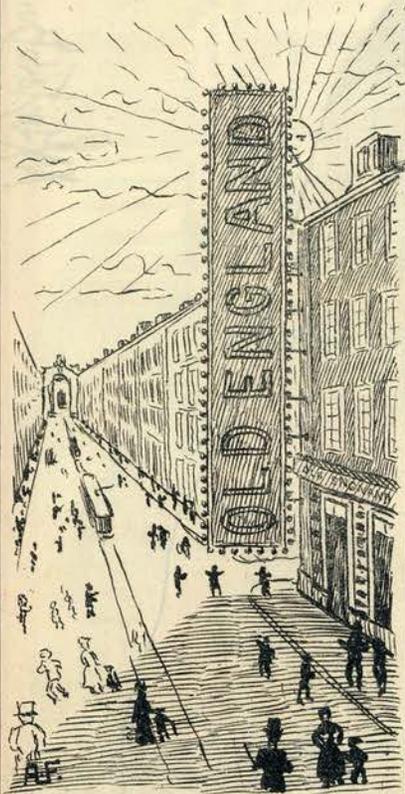
Os reis preferem escolher os seus ministros entre os burguezes do que entre os fidalgos porque os fidalgos servem-n'os como subditos e os burguezes como lacaios.

VISCONDE DE CORMESIM.



## O caso da Taboleta

Um commerciante da Baixa, proprietario dos Armazens *Old England*, pediu e obteve auctorisação da Camara municipal para pôr na fachada do edificio onde está estabelecida uma tremendissima taboleta.



Obtida a licença o homem conseguiu içar a bisarma, que é um dos mais grandiosos espantalhos do Velho Mundo, e todo contente a remirava no polimento da monstruosidade, quando a ex.<sup>ma</sup> Camara lhe mandou dizer que arriasse a maravilha, que era feia como seiscentos diabos e constituia grande agravo aos sentimentos estheticos e mais partes da commissão administrativa do municipio.

O *Old*, ou o homem, munido com a respectiva licença, e tendo pago o seu rico dinheirinho por ella, fez ouvidos de mercador — e fez elle muitissimo bem — e a taboleta continua no seu sitio, horrivel, valha a verdade, mas usando de um direito que ninguém lhes poderá contestar, taboletamente falando.



A camara irrita-se, o homem faz chuchadeira, a camara diz coisas feias do homem em plena sessão e o homem responde-lhe das tezas em comunicados de jornaes.

No meio de todo este charivari quem teve graça a valer foi um municipe que ha dias, no Martinho, lendo o extracto de uma sessão camararia sobre o assumpto, disse:

— Ora quem comeu a carne... que róa a taboleta!...



## Theatro Normal e Fialho Anormal

E' sabido que, sempre que se ventile entre nós uma questão, seja de que ordem fôr, um jornalista vae entrevistar sobre o assumpto o sr. Fialho d'Almeida.



O sr. Fialho é, para os nossos collegas, uma especie de bruxa da Arruda capaz de dar remedio com a mesinha do seu conselho para todos os achaques de ordem social e artistica.



Trata-se de architectura? Ouve-se o sr. Fialho. Pintura? O sr. Fialho. Theatro? O sr. Fialho. Touros de morte? Ainda o sr. Fialho. Carnaval civilisado? Sempre o sr. Fialho.

Ora ha dias foi o sr. Fialho consultado sobre o concurso recentemente aberto para a adjudicação do theatro Normal e o sr. Fialho disse coisas horriveis, como de costume, mas não foi capaz de alvitrar uma unica palavra a fim de se remediar o mal, o que é muito para sentir.

Entre outras coisas esmagadoras, o sr. Fialho teve esta phrase que o jornalista entrevistador publicou em normando: *estás a ver oh Virosc!* e declarou que o Brazão não sabe compôr uma personagem.

Assim será. Porventura o Brazão não saberá compôr uma personagem. Mas o que é tristemente certo é que o sr. Fialho nem já sabe descompor o proximo.

O sr. Fialho, como o theatro de D. Maria, está tambem a pedir reforma e concurso para adjudicação.

Se assim succeder, verão que lhe succede o que succedeu ao theatro: ninguém lhe pega.

## A «PARODIA» NO ESTRANGEIRO

FRANÇA

Informa um telegramma da Agencia Havas que tres parochos de Macon que tinham sido processados por dizerem missa na mesma igreja sem licença, foram absolvidos.

Esta de um pobre padre ter de pedir licença para dizer a sua missa não é nada má.

Ao que chegou a pobre religião! Pelo visto, em França, quando um clerigo queira celebrar o santo sacrificio, deve ir ter com a auctoridade, levantar a mão e pedir:

— Dá licença que vá lá dentro dizer missa?

Se o outro responder: está lá um — terá de esperar a sua vez.

Que demonio de mal fará á Republica dizer duas, tres ou quatro missas ao mesmo tempo?

Que ganhará a Republica com as missas... ás pinguinhas?



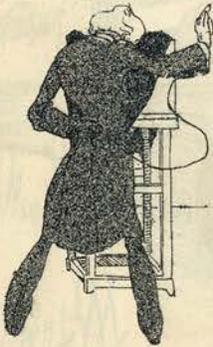
AS TRES GRAÇAS



Saudades da gata



Senhora gorda e photographo amavel



A PROVA



O jesuitismo franquista

**EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO**

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa  
ITINERARIO

Lisboa..... (Part.)	1	7	22	Beira.....	11/12	--	--
Madeira.....	3	9	--	Lourenço Marques..	14/16	--	--
S. Vicente.....	--	1	--	Mossamedes.....	--	9	22
S. Thiago.....	--	14/15	28/29	Benguella.....	--	10/11	23/24
Príncipe.....	--	23/24	7	Lobito.....	--	12	25
S. Thomé.....	13	25/27	8/10	Novo Redondo.....	--	13	26
Cabinda.....	--	--	12	Loanda.....	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	--	--	13	Ambria.....	--	17	30
Ambria.....	--	30	14	St.º Antonio do Zaire	--	--	31
Loanda.....	16	1/3	15/16	Cabinda.....	--	18	3
Novo Redondo.....	--	4	17	S. Thomé.....	28	20/22	4/6
Lobito.....	--	5	18	Príncipe.....	--	23	7
Benguella.....	--	6/7	19/20	S. Thiago.....	--	1	15
Mossamedes.....	--	8/9	21/22	S. Vicente.....	--	--	16
Lourenço Marques ..	25/2	--	--	Madeira.....	9	--	20
Beira.....	4/5	--	--	Lisboa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Mocambique.....	7/9	--	--				

**VAPORES : Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.**

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA

**Real Fabrica de Louça de Sacavem**

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilete.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.

**COMPAGNIE**  
DES  
**Messageries Maritimes**

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres

**Magellan**, commandante Dupuy Fromy que se espera de Bordeus em 4 de fevereiro.

Para S. Vicente, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres

**Esmeralda**, commandante Morton que se espera de Bordeus em 11 de fevereiro.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para o Brazil, 37\$000 réis.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para Montevideu ou Buenos-Ayres, 42\$000 réis.

Para Bordeaux, em direitura

Sahirão os paquetes:

**Cordillere**, commandante Richard que se espera do Brazil em 6 de fevereiro.

**Atlantique**, commandante Le Troadec que se espera do Brazil em 21 de fevereiro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer combinações trata-se na Agencia da Companhia, 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.ª.

Os Agentes,

**Sociedade Torlades**

32, Rua Aurea.

**Aos Srs. Assignantes**

Por doença dos dois principaes collaboradores não foi publicado na passada semana, este semanario, falta que esperamos nos será relevada pelos nossos estimaveis assignantes, a quem pedimos desculpa de ter involuntariamente privado da deliciosa leitura do nosso humoristico semanario.

**AVISO**

Na Administração da "Parodia" recebe-se qualquer collaboração artistica, podendo todo aquelle que verificar que o seu trabalho mereceu a publicação no nosso semanario, receber na referida Administração a remuneração que lhe fôr conferida.

